



QUINTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VII — N.º 2091

Inaugurou-se ontem com grande imponência em Santarém o I Congresso Confederal

(Do nosso enviado especial)

SANTARÉM, 23.—Os 161 delegados que vêm tomar parte no Congresso Confederal deram à hospitaleira cidade escalabitana uma fisicónima agradável. Em todas as ruas e para todas as suas direções os congressistas se dirigem na consoladora esperança de avistarem a paisagem bucólica que circunda a cidade. Há em todos elas uma expressão de confiança no trabalho que vão realizar e que dentro de horas terá o seu início.

A população de Santarém, hospitaleira como poucas, acolheu carinhosamente os seus hóspedes que se encontram espalhados pelos hoteis e hospedarias citadinas. Houve certa dificuldade em conseguir-se alojamento, pois Santarém poucas vezes se viu com tão elevado número de visitantes.

Alguns proprietários, aproveitando-se da circunstância, elevaram os preços das diárias, convencidos de que a carência de alojamentos lhes facilitaria os seus desejos. Conhecedor do facto, um membro da comissão organizadora do Congresso fez-lhes sentir quão de injusto e de impróprio isso representava para uma cidade de tradições como Santarém, e os homens emendaram a mão. Todavia, não deixa de verificar-se uma grande disparidade nos preços, disparidade que vai ao ponto de as diárias irem de 11\$00 a 22\$00. Mas nem tudo se deve medir pela mesma bitola. O proprietário da "Leitaria Scalabis" teve a gentileza de fazer uma redução de 10% nos preços de todos os produtos vendidos no seu estabelecimento. Dessa concessão têm utilizado os congressistas a quem aquele senhor tem dispensado o melhor dos acolhimentos.

As partidas estes pequenos nadais, que se perdem no grande movimento da cidade, os congressistas encontram-se muito satisfeitos com a atenção dispensada por toda a população. Mesmo a burguesia, a quem não agrada a preparação do operariado, não esboçou o mais leve gesto de hostilidade contra os visitantes de agora.

Os delegados rurais têm sido alvos das atenções do povo escalabitano, pelo característico dos seus trajes e pela sisudez das suas expressões.

A-pesar-de convergirem para eles todos os olhares, os escravos da gleba logo que rompe a alva percorrem a cidade estudando os costumes, analisando os hábitos e votando ao snobismo que vislumbram o desprazer a que a sua simplicidade é de origem.

Enfim, se no decorrer dos trabalhos do Congresso existir a mesma harmonia e inteligência que nós registámos, podemos desde já assegurar que o 1.º Congresso Confederal é a maior manifestação do proletariado português organizado, pela sua elevação moral e pela grandeza de atitudes dos congressistas. E oxalá que assim seja, pois o proletariado conseguirá que a sua organização marque um lugar de destaque no meio de toda a balbúrdia política.

1.ª Sessão

1.º Congresso é composto por 116 organismos

Na ampla sala de espectáculos do teatro Sá da Bandeira, o 1.º Congresso Confederal inaugurou os seus trabalhos às 14,40 de hoje. A sessão de abertura presidiu Silva Campos, que foi secretariado por Luís Gonzaga e Carlos Coelho, todos da Comissão Organizadora do Congresso.

Silva Campos com um timbre forte de voz diz que a comissão organizadora encontra-se orgulhosa por ver que o Congresso, a pesar das dificuldades da sua preparação, correspondeu aos desejos dos seus organizadores. Mais ainda: se atendermos à delicadeza do momento que atravessam é de fato além de tática a expectativa.

Esse facto, prossegue o orador, é a mais viva demonstração da vitalidade da organização operária e dá-nos a esperança de podermos prosseguir na luta contra o predomínio da burguesia e contra a existência do Estado. Por aqui poderá a burguesia desfazer-se do aniquilamento da classe operária, pois a sua organização longe de desmoronar-se aínda se consolida. Se nos anima esta prova da vitalidade, outro tanto não sucede com o comodismo de alguns elementos tão preciosos para a luta que temos que desenvolver. E se essa colaboração não tivesse faltado muitos e muitos maiores poderiam ser os progressos do movimento sindicalista.

Ainda há outra circunstância a atender: refiro-me à campanha desde usada por alguns elementos nossos adversários. Mal daquêles que para fazer triunfar suas opiniões procuraram aniquilar os adversários que sejam os intérpretes das ideias que nos guardam no futuro.

Forte aplauso coroaram o discurso de Silva Campos.

Em seguida Luis Gonzaga procedeu à chamada dos organismos representados no Congresso tendo respondido a ela, depois de trocadas explicações entre o presidente, Felisberto Baptista, Francisco Viana, Pereira Braga, os seguintes organismos:

Federações: do Livro e do Jornal, Calçado, Couros e Peles, Vinícola, Construção Civil, Ferroviária, Metalúrgica, Mobiliária, Corticeira, Empregados no Comércio e Indústria de Conservas.

Unões: Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, Vila Franca de Xira, Pórtico, Evora, e Portimão.

Sindicatos: Construção Civil: de Lisboa, Pórtico, Guarda, Sintra, Matosinhos, Fafe, Almada, Valença do Minho, Cascais, Evora, Alcains e Ponte de Sôr.

Manufactores de Calçado: de Lisboa, Portugal e Beja.

Rurais: Cano, Cabeço de Vide, Vila Boim, Geromenha, Cabeço, Seda, Borba, Vendas Novas, São Manços, Sousel, Evora, Graça do Divor, Safára, Fronteira, Benavila, Elvas, Montoito, Via Glória, Extremoz, Terrugem e Alter do Chão.

Metalúrgicos: de Lisboa, Marinha Grande, e Douro e Lourenço Marques.

Marítimos: Descarregadores de Mar e Terra da Vila do Carregado, idem de Almada, Marítimos de Sines, Tráfego de Lisboa, Fluviais de Lisboa, Pessoal de Câmaras, Marítimos do Póvoa do Douro, Marinheiros e Moços de Lisboa, Fogueiros de Mar e Terra de Lisboa, Pessoal de Rebocadores e Gazolinhas de Lisboa, Descarregadores de Mar e Terra do Pórtico, Carpinteiros Navais de Portimão, Frageiros de Portimão, Estivadores de Portimão e Chaufeurs Marítimos de Lisboa.

Ferroviários: do Sul e Sueste, Minho e Douro e Lourenço Marques.

Marítimos: Descarregadores de Mar e Terra da Vila do Carregado, idem de Almada, Marítimos de Sines, Tráfego de Lisboa, Fluviais de Lisboa, Pessoal de Câmaras, Marítimos do Póvoa do Douro, Marinheiros e Moços de Lisboa, Fogueiros de Mar e Terra de Lisboa, Pessoal de Rebocadores e Gazolinhas de Lisboa, Descarregadores de Mar e Terra do Pórtico, Carpinteiros Navais de Portimão, Frageiros de Portimão, Estivadores de Portimão e Chaufeurs Marítimos de Lisboa.

Indústria Vinícola: Tanoeiros de Lisboa e Tanoeiros de Gaia.

Gráficos: Impressores, Compositores Tipográficos, Litógrafos e Anexos. Encader-

A Conferência dos Operários da Indústria da Construção Civil toma importantes resoluções sobre vários problemas

(Do nosso enviado especial)

Sessão inaugural

SANTARÉM, 23.—A Conferência Nacional dos Operários da Construção Civil reuniu na sede dos Empregados no Comércio. Às 17 horas iniciaram-se os trabalhos, achando-se a mesa constituída por João Miranda, Alberto Dias e João Gomes, respectivamente presidente e secretários e sendo os três da Comissão Organizadora.

Abriu a Conferência, João Miranda expõe que os fins dela visam a apreciar uma série de assuntos de carácter imediato, dos quais depende a salvaguarda dos interesses dos trabalhadores deste ramo de produção. Pede para os trabalhos a discussão e enumerados na ordem da moção já publicada, a máxima atenção de todos os delegados. Em seguida João Miranda propõe que o delegado da C. G. T. presida à sessão inaugural o que é aceite. Joaquim de Sousa, tomando a presidência, saída a Conferência em nome da Central Operária, exortando-a num breve discurso a tratar com todo o interesse os assuntos que irá apresentar, visto que elas são de interesse não só para os operários da construção civil como para todo o operariado. Refere-se ao passado revolucionário da organização ora reunida e espera que todos se integrem nesse fulgurante passado para o prosseguimento futuro.

Na mesa é lida uma saudação do S. U. Metalúrgico de Lisboa.

Procedeu-se à nomeação da comissão revisora de mandatos que recaino nos camaradas A. Inácio Martins, delegado do Pórtico; Cesár da Silva, da Secção Federal do Sul e Joaquim Alves Barrião, de Evora, sendo-após, suspensa a sessão às 17,30.

A's 18,25 o presidente declara reaberta a sessão, procedendo-se à leitura do parecer da comissão revisora de mandatos, o qual aceita como boas todas as delegações, constatando a presença de 16 delegados para 8 sindicatos, Federação de Indústria, secções do Norte e do Sul, Bolsa de Trabalho e de Solidariedade e C. G. T.

Discute-se o parecer. Alberto Dias discorda da aceitação de Joaquim Alves Matos, delegado do sindicato de Evora, porque, sendo este colectivo não é propriamente operário da construção civil.

Alfredo Lopes defende a aceitação daquele delegado, por motivo de que as condições especiais em que se exerce a indústria na província, faz que muitas vezes se acumulem funções correlativas e ainda porque considera classe dos calceiteiros bem correlativa da construção civil, exemplificando com as formas de trabalho, mesmo em Lisboa.

Posta a delegacia de Evora à aceitação, é aprovada por maioria e conjuntamente o parecer da comissão.

Em seguida é lido para ser votado na especialidade o regulamento da Conferência, tendo incidido discussão sobre o 4.º número, por este se referir as representações.

Alberto Dias faz o reparo da contradição existente entre este número e a resolução tomada acerca da delegacia de Evora, lembrando que a aceitação daquele delegado implicaria a aceitação dos jardineiros e de outras classes.

Alfredo Lopes discorda da paridade apresentada por A. Dias entre calceiteiros e jardineiros e propõe a alteração do número em discussão, para que possa aceitar-se as representações.

Na mesma ordem de ideias pronuncia-se João Miranda, resolvendo a Conferência, por maioria, aceitar a alteração proposta ao número 4.

Com a aprovação dos restantes números, foi aprovado o regulamento.

A sessão encerrou às 19,30.

1.ª sessão

São largamente apreciados a crise de trabalho e os esforços para a atenuar

Alberto Dias julga factores principais da crise, a ganância do capitalismo e a intrusão de operários doutras indústrias que não tendo coragem para lutar contra a crise das suas indústrias, vêm pesar na situação dos profissionais desta, contribuindo para um outro mal: a vicissão da construção de moradias, chefiada por gaiteiros sem escrúpulos. Afirma, também, que nem todos os sindicatos têm actuado no sentido de afastar o espectro da crise, posto que de nada valerão os platonismos. Pode não se marcar um prazo para o movimento, sendo todavia indispensável que todos respeitem as responsabilidades que levarem da Conferência.

Augusto Francisco Canasira, Matosinhos, descreve as manifestações angustiosas que de todo o país vão concentrar-se na Federação, afirmando que só por um forte movimento de reacção se poderá afastar o espectro da crise, posto que de nada valerão os platonismos. Pode não se marcar um prazo para o movimento, sendo todavia indispensável que todos respeitem as responsabilidades que levarem da Conferência.

Alfredo Lopes defende a aceitação daquele delegado, por motivo de que as condições especiais em que se exerce a indústria na província, faz que muitas vezes se acumulem funções correlativas e ainda porque considera classe dos calceiteiros bem correlativa da construção civil, exemplificando com as formas de trabalho, mesmo em Lisboa.

Posta a delegacia de Evora à aceitação, é aprovada por maioria e conjuntamente o parecer da comissão.

Em seguida é lido para ser votado na especialidade o regulamento da Conferência, tendo incidido discussão sobre o 4.º número, por este se referir as representações.

Alberto Dias faz o reparo da contradição existente entre este número e a resolução tomada acerca da delegacia de Evora, lembrando que a aceitação daquele delegado implicaria a aceitação dos jardineiros e de outras classes.

Alfredo Lopes discorda da paridade apresentada por A. Dias entre calceiteiros e jardineiros e propõe a alteração do número em discussão, para que possa aceitar-se as representações.

Na mesma ordem de ideias pronuncia-se João Miranda, resolvendo a Conferência, por maioria, aceitar a alteração proposta ao número 4.

Com a aprovação dos restantes números, foi aprovado o regulamento.

A sessão encerrou às 19,30.

1.ª sessão

São largamente apreciados a crise de trabalho e os esforços para a atenuar

Alberto Dias julga factores principais da crise, a ganância do capitalismo e a intrusão de operários doutras indústrias que não tendo coragem para lutar contra a crise das suas indústrias, vêm pesar na situação dos profissionais desta, contribuindo para um outro mal: a vicissão da construção de moradias, chefiada por gaiteiros sem escrúpulos. Afirma, também, que nem todos os sindicatos têm actuado no sentido de afastar o espectro da crise, posto que de nada valerão os platonismos. Pode não se marcar um prazo para o movimento, sendo todavia indispensável que todos respeitem as responsabilidades que levarem da Conferência.

Alfredo Lopes defende a aceitação daquele delegado, por motivo de que as condições especiais em que se exerce a indústria na província, faz que muitas vezes se acumulem funções correlativas e ainda porque considera classe dos calceiteiros bem correlativa da construção civil, exemplificando com as formas de trabalho, mesmo em Lisboa.

Posta a delegacia de Evora à aceitação, é aprovada por maioria e conjuntamente o parecer da comissão.

Em seguida é lido para ser votado na especialidade o regulamento da Conferência, tendo incidido discussão sobre o 4.º número, por este se referir as representações.

Alberto Dias faz o reparo da contradição existente entre este número e a resolução tomada acerca da delegacia de Evora, lembrando que a aceitação daquele delegado implicaria a aceitação dos jardineiros e de outras classes.

Alfredo Lopes discorda da paridade apresentada por A. Dias entre calceiteiros e jardineiros e propõe a alteração do número em discussão, para que possa aceitar-se as representações.

Na mesma ordem de ideias pronuncia-se João Miranda, resolvendo a Conferência, por maioria, aceitar a alteração proposta ao número 4.

Com a aprovação dos restantes números, foi aprovado o regulamento.

A sessão encerrou às 19,30.

1.ª sessão

São largamente apreciados a crise de trabalho e os esforços para a atenuar

Alberto Dias julga factores principais da crise, a ganância do capitalismo e a intrusão de operários doutras indústrias que não tendo coragem para lutar contra a crise das suas indústrias, vêm pesar na situação dos profissionais desta, contribuindo para um outro mal: a vicissão da construção de moradias, chefiada por gaiteiros sem escrúpulos. Afirma, também, que nem todos os sindicatos têm actuado no sentido de afastar o espectro da crise, posto que de nada valerão os platonismos. Pode não se marcar um prazo para o movimento, sendo todavia indispensável que todos respeitem as responsabilidades que levarem da Conferência.

Alfredo Lopes defende a aceitação daquele delegado, por motivo de que as condições especiais em que se exerce a indústria na província, faz que muitas vezes se acumulem funções correlativas e ainda porque considera classe dos calceiteiros bem correlativa da construção civil, exemplificando com as formas de trabalho, mesmo em Lisboa.

Posta a delegacia de Evora à aceitação, é aprovada por maioria e conjuntamente o parecer da comissão.

Em seguida é lido para ser votado na especialidade o regulamento da Conferência, tendo incidido discussão sobre o 4.º número, por este se referir as representações.

Alberto Dias faz o reparo da contradição existente entre este número e a resolução tomada acerca da delegacia de Evora, lembrando que a aceitação daquele delegado implicaria a aceitação dos jardineiros e de outras classes.

Alfredo Lopes discorda da paridade apresentada por A. Dias entre calceiteiros e jardineiros e propõe a alteração do número em discussão, para que possa aceitar-se as representações.

Na mesma ordem de ideias pronuncia-se João Miranda, resolvendo a Conferência, por maioria, aceitar a alteração proposta ao número 4.

Com a aprovação dos restantes números, foi aprovado o regulamento.

A sessão encerrou às 19,30.

1.ª sessão

O 18 DE ABRIL
O general Adriano de Sá
pulverizou as calúnias
com que tentaram
desacreditá-lo

A meio dia e vinte e cinco minutos é declarada aberta a décima quarta audiência deste longo julgamento que parece aproximar-se do seu termo. Entre as testemunhas de defesa que depõem conta-se o sr. general Adriano de Sá, coronel Freireira, Ferreira Martins e Coutinho Gouveia, tendo faltado o sr. general Roçadas e outros oficiais superiores do exército.

Depõe em primeiro lugar o deputado sr. Joaquim Ribeiro, que confirma o pedido que lhe foi feito pelo ministro da guerra para ir à Rotunda falar com o sr. Cunha Leal. Do Avenida Palace telefonou ao dr. Pires de Carvalho, director da Penitenciária, preguntando-lhe se o sr. Cunha Leal, ali estava, tendo recebido resposta negativa.

O coronel Coutinho Gouveia abona o passado militar do tenente Valente, dizendo que de há muito em Portugal se vivia fora da Constituição. O coronel Freireira diz conhecer de há muito o tenente coronel Raúl Esteves e faz o elogio das suas qualidades militares. O coronel de reserva Ferreira Lima abona as qualidades militares dos srs. Raúl Esteves e Lício Lima.

O coronel Soares Branco abona o passado republicano do sr. Sinel de Cordes. O coronel Ferreira Martins é testemunha abonatória do sr. Raúl Esteves e do tenente Jorge Botelho Moniz.

O capitão Cameira é também testemunha de defesa do sr. Jorge Botelho Moniz, e instado pelo sr. Cunha Leal, elogia a acção ultramarina do sr. Filomeno da Câmara durante o governo de Sidónio Pais.

O antigo deputado sr. Miguel de Abreu, aprecia largamente a situação política do país, dizendo compreender perfeitamente o motivo que levou os acusados à prática do acto revolucionário, como revolta contra certos abusos do poder executivo.

O major Ribeiro de Carvalho diz que durante o tempo que ocupou a pasta da guerra teve da parte do sr. Sinel de Cordes, quartel mestre geral do Exército, uma valiosa e estreita cooperação muito útil à Pátria e às instituições militares.

O tenente Camilo Augusto da Silva é testemunha do tenente Antônio da Costa que conhece há muito tempo, dizendo saber que não estava comprometido no movimento. O civil Eduardo Borges da Cruz é testemunha de defesa do réu Manuel Gonçalves da Silva.

O nosso colega de *O Mundo* sr. Mayer Garçon ficou surpreendido por ter visto envolvido neste movimento o sr. Jorge Botelho Moniz, de quem faz o elogio político. Carlos de Sousa diz que o acusado Boaventura dos Santos esteve no dia 18 todo o dia na oficina.

O sr. Joaquim Eugénio de Vasconcelos afirma:

— Fui a pessoa encarregada de procurar o sr. Campos Monteiro, a fim de ser realizada uma conferência entre este senhor e o general Adriano de Sá. O general Adriano de Sá estava, de alma e coração, com o movimento de 18 de Abril, receando, porém, que esse movimento não vingasse, visto que sargentos e soldados estavam todos dominados pelas ideias bolchevistas. Receava que a disciplina não pudesse ser mantida. Mas estava convencido de que o movimento era oportuníssimo e muito mais oportuno ainda se estivesse no poder o sr. José Domingues dos Santos, um político que o exército odeia e o país não gosta.

A testemunha passa a ler cartas de pessoas que confirmam o seu depoimento, acerca das declarações que lhe foram feitas pelo sr. Campos Monteiro, e afirma:

— Desafio o sr. Campos Monteiro a vir aqui desmentir as minhas palavras — aqui ou em qualquer outra parte. Essas cartas são dos srs. Sá e Melo e Portugal da Silveira, que tomaram parte directa na questão.

A certa altura afirma:

— O sr. Campos Monteiro disse que não tinha sido intermediário entre o general Adriano de Sá e os revolucionários de 18 de Abril. Tanto ele se desempenhou dessa missão que veio propositadamente a Lisboa, tendo-se hospedado no «Suissa Atlântico».

Fui eu que paguei a conta do hotel. E tenho aqui também um colarinho e um par de punhos do sr. Campos Monteiro, deixados no quarto onde ele realizou a sua conferência com o general Adriano de Sá. Como v. ex.^{as} vêem — afirma mostrando os punhos e o colarinho — são inconfundíveis!

— Instado pelo sr. Tamagnini Barbosa, responde:

— Fui procurado por um parente meu para um assunto de que me pedia segredo, até para a família. Supun, a princípio, que se tratava dum rapazada. Fiquei surpreendido quando esse meu parente me pediu para ter uma entrevista com o general Sinel de Cordes. Recusei-me, argumentando que o exército não devia meter-se em política.

Continuando:

— Esse meu parente perguntou-me a certa altura: «Então o tio acha que isto vai bem?». Respondi-lhe que não, mas que o remédio não estava em revoluções. Eu andava há muito tempo tratando com o dr. Campos Monteiro para ele me escrever um prefácio para um livro sobre a Índia. Em 7 de Abril, fui chamado ao telefone por este escritor. Dizia-me que se encontrava num hotel e pedia-me para ir ter com ele. Fui, e qual não foi o meu espanto quando ele me falou na conversa que eu tinha tido com o meu sobrinho, conversa que eu supunha já estar esquecida. Disse-lhe que era verdade e não se trocou mais nenhuma palavra sobre o assunto. No dia 27 de Abril — já depois da revolta sufocada — vieram as primeiras referências na imprensa, dizendo que estava implicado no movimento. Indignei-me. Essas notícias eram absolutamente falsas. Sobre o movimento nunca me pronunciei, nem a favor, nem contra — continuando no meu critério de que o Exército não tem por "fim" realizar revoluções.

A certa altura, a testemunha declara ter-se oposto à apreensão de jornais, após o 18 de abril, não tendo conseguido nada do governo, nesse sentido.

— Porque quem mandava não era eu: era o governo.

Os rurais da região do Douro são vilmente explorados

RÊDE, 20.—Causou o mais extraordinário pânico entre os exploradores desta região o artigo que há dias *A Batalha* publicou verberando a infamíssima exploração de que são vítimas os humildes rurais que, graças à influência narcotizante do vinho e da religião, tudo consentem aqueles que desde sempre têm vivido à custa do seu esforço tão pessíssimamente remunerado.

De facto, os talos exploradores têm razão para alarmarem vendo na primeira página do mais popular dos jornais um artigo que, pelas verdades que enumera e por ser o primeiro que a esta região se refere em termos desrespeitosos para «suas senhorias», vem talvez marcar uma época de revolta (quanto a nós bem justificada) entre os escravos que até hoje tem servido sem cessar os interesses dos vinhateiros duríssimos. Quem sabe se *A Batalha* terá o condão de levantar, num brado forte e sentido, o primeiro grito de revolta entre os rurais destas roças?

Que felizes nos sentiríamos se tivéssemos conseguido que o trabalhador daqui aí conseguisse, ao menos, o jornal que sem desfalcamentos e com tanta energia tem defendido a causa dos humildes através de todas as perseguições.

Que grande mal representa para o rural a imprensa diária do norte que sanciona com tanta hipocrisia e pelo seu silêncio a situação verdadeiramente miserável do trabalhador do Douro! E' que não há um único jornal da chamada grande imprensa que, num rasgo de generosidade, tente elevar a situação vexante em que estão aqui os desgraçados a quem a lavoura tudo deve!

Conhecemos de cérá já as correspondências que daqui são enviadas para os grandes órgãos na imprensa. Todas elas falam das enormes despesas que o fabrico ocasiona: o sulfato e o enxofre caríssimos, a qualidade do produto diminuta, a "mão de obra" caríssima etc., etc.

A tal "mão de obra" é o bode expiatório desta corja infinita de parasitas! Para elas vai todo o odioso que só a desmedida ganância deveria acarratar! «Mão de obra» cárara, quando vemos que a dois passos da vindima se paga (?) aqui o esforço de 7 horas de trabalho por 2 e 4 escudos respectivamente para mulheres e homens!

Quem sabe se um dia terão de amparar a sua refinada exploração aqueles que hoje dão as leis nesta região maldita em que o povo verdadeiramente amordacado, sobrepujado pelo seu eterno alago, o padre, faça um brado unisono de Liberdade abatendo para sempre o seu negregado poderío.

O padre! Esse parasita infame, esse madraço que à custa do povo sempre viveu, impingindo-lhe em latim, tantas vezes estropiadas, histórias da carochinha para amordacar o seu espírito infantil, esse corno malido que é a causa de tudo e todos o grande mal da região! Sob a suauestaria influência o povo sente-se como que algemado, e os seus movimentos sem liberdade, não podem arrancar a máscara de miserável tartufo! Os hábitos religiosos absorvem aqui todas as atenções!

E' quase impossível ouvir-se falar alguém num pequeno espaço de tempo, sem que a palavra Deus, Cristo, Maria (virgem) ou qualquer outra ficção religiosa nos venha lembrar a educação defeituosissima que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Na linha de batalha de Albucemas diminui sensivelmente a pressão do inimigo.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim todas as maroteiras que o Povo consente graças à sua ignorância, sustentada com o maior interesse por aqueles que aqui se ministra a estes autênticos escravos.

Supõe-se geralmente que a restauração da monarquia terá como resultado uma maior energia política externa grega.

— A igreja é tudo. Nela se fazem as orações e os convites para comezinhas, os confessos e os emprestímos de dinheiro, tantas vezes por juros de desenfreio agio fazem; nela se fazem e se combinam enfim

Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redação, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

— Escrever dum só lado do papel;

— Não fazer uso de tinta vermelha;

— Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;

— Explorar com clareza os assuntos que se proponham tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes;

— Nos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, as notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigilo de nomes.

MARCO POSTAL

Beja. — Joaquim Filipe Franco. — Recebemos carta e 30\$00. Assinatura do Diário e Suplemento paga até 30 do corrente, data em que suspende. Fica um saldo a seu favor de 1860.

Porto. — Manuel Ferreira Salé. — Em Maio passado recebemos 128\$50 diária que teve para M. Ramos, que foi por nós entretida à secção dos Pedreiros.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

| S. | 11 | 18 | 25 | HOJE O SOL |
|----|----|----|----|----------------------|
| S. | 12 | 19 | 26 | Aparece às 6,26 |
| D. | 13 | 20 | 27 | Desaparece às 13,31 |
| S. | 14 | 21 | 28 | FASES DA LUA |
| I. | 15 | 22 | 29 | L. C. dia 4 às 11,50 |
| D. | 16 | 23 | 30 | Q.M. 11,50 a 9,11 |
| S. | 17 | 24 | | L.S. 10 a 13,15 |
| D. | 18 | 25 | | Q.C. 13,15 a 4,05 |

MARES DE HOJE

Praiamar às 6,35 e às 7,00

Baixamar às ... e às 0,05

CAMBIOS

| Países | Compra | Venda |
|-----------------------|--------|--------|
| Sobre Londres, cheque | 95\$75 | 96\$00 |
| Madrid cheque | 2\$86 | |
| Paris, cheque... | 9\$4 | |
| Suíça, " | 3\$83 | |
| Bruxelas cheque | 8\$7 | |
| New-York, " | 19\$85 | |
| Amsterdão " | 7\$98 | |
| Itália, cheque... | 8\$1 | |
| Brasil, " | 2\$74 | |
| Praga, " | 5\$59 | |
| Suécia, cheque... | 5\$34 | |
| Austria, cheque | 2\$80 | |
| Berlim, " | 4\$73 | |

EPECTÁCULOS

TEATROS
politeama... — A's 21,30... — O Leão da Estrela.
Epi... — A's 21,35... — O Conde de Monte Cristo.
Epi... — As 20,45 e 22,45... — Frei Tomás ou o Mistério da roupa Sarava de Carvalho.
Maria Vitoria... — A's 20,30 e 22,30... — Rotaplano.
Salão Toy... — Animatógrafos e Variedades.
Centro... — A's 21,30... — Ofertas e A Glória.
E. Vilema (A Grada)... — A's 20... — Animatógrafos.
Laranjeiro... — Igrejas e espetáculos... — Concertos e etc.

CINEMAS

Olimpia... — Chiado... — Terrasse... — Salão Central... — Cinema Condes... — Salão Ideal... — Salão Lisboa... — Sociedade Promotora de Educação Popular... — Cine Paris... — Cine Esperança... — Chantier... — Igrejas... — Concertos e etc.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Ater, assim como rodas ócasas e molas, tubos, molas, chaminões de 2 a 5 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque.

Diariamente pedidos a Francisco Pereira Lata E a casa que fornece em melhores condições.

LIMAS NACIONAIS
UNIÃO
MARCAS REGISTADAS
União Tome Peterá, Ltda., e Companhia com as melhores limas do Mundo! Experimentem, pois, as nossas limas que encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país!

A RENOVAÇÃO VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440 — PORTO

Barco a gasolina
Com 15m, 80 de 15 a 20 H. P., "Kewi", estado bom, vende José Gara-tua — Portimão.

ventre do papa! muito gostaria de ter por capitão esta formosa rapariga!... Guiado por ela desafiará todos os ingleses! Sim, sim pelo umbigo de Satanaz!

Homens de armas comandados por uma mulher, é coisa singular!

Dois belos olhos que vos contemplam e que parecem dizer-vos: «Marcha para o inimigo!» vos abraçam o coração! uma voz doce e meiga que vos diz: «Ousado... avante!» tornaria valente o mais cobarde!

Sobretudo quando essa voz é inspirada por Deus, meu valente archeiro!

— Que ela seja inspirada por Deus, pelo diabo ou pela sua própria coragem, pouco me importa; mas o que vos posso asseverar é que nem que fosse um contra mil, seria preciso ser tão cobarde como um coelho para não seguir uma tão formosa rapariga que, com a espada na mão, se lança sobre o inimigo!

— Não posso deixar de pensar no desgosto que a partida de Joana deve causar à sua família, por mais gloriosos que sejam os destinos que a esperam. A mãe da donzela, sobretudo, deve ter com isso um grande peso!

— Ouvi dizer a mulher de Laxart que Tiago Darc, homem rude e severo, depois de ter por duas vezes escrito a sua filha para que voltasse para junto dele, não desejando que ela partisse para a guerra cavalgando em companhia de homens de armas, amaldiçoava; além disso, proibiu a sua mulher e aos seus dois filhos de jamais tornarem a ver Joana. Ela chorou copiosamente ao saber da maldição paterna: «O coração verte-me sangue de ter de abandonar a minha família», — dizia a pobre rapariga à senhora Laxart, — mas é forçoso que eu parta para onde Deus me envia. Tenho a cumprir uma gloriosa missão!»

O pai da donzela é um bruto!... Tem mau coração... ; atrevê-se a amaldiçoar a pobre filha..., ela que deve salvar a Gália!

— E há de salvá-la... Merlin o predisse!

— Que explodido dia não será aquele em que os

CALÇADO BARATO SÓ VENDE O CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Calçado Senhora

Calçado Criança

Calçado Infantil

Calçado Feminino

Calçado Masculino

Calçado Feminino

No Congresso Rural, que se encerrou com brilho, foi discutida a questão dos foros

SANTARÉM, 22.—A quinta sessão abre às 21 horas sob a presidência de Manuel Benito, secretariado por Custodio Lobo da Silveira e Afonso Avelino do Rego.

No expediente são lidos telegramas de saudação da U. S. O. de Evora, Federação de Calçado, Coiros e Peles, das Associações de Trabalhadores Rurais de Beja, de Aldeia de Barros e de João de Sousa, organizador do sindicato de Coruche.

Na ordem dos trabalhos é lida a tese, "A orientação sindicalista dos sindicatos de trabalhadores rurais e sua Federação", de que é relator Joaquim Candieira.

Depois de lida, o seu relator borda considerações sobre a mesma, citando os ataques de que a organização tem sido vítima nestes últimos tempos e as investidas que políticos têm feito para se apossarem da mesma organização. A organização dos trabalhadores rurais não é das que menos poupaduras têm sido. Desde os mais conservadores aos mais avançados, todos têm procurado proceder de igual modo. Mas são os comunistas quem mais mal tem procedido, pois desde a tentativa de absorção até à calúnia e ao espírito confusionista para o desmantelamento da confederação só porque a mesma não se tem prestado ao seu jogo político. E' por isso que a comissão organizadora deliberou apresentar aquela tese que só tem por fim obstar a que a organização rural seja passo de ambiciosos.

Falaram a seguir Sebastião Biquilhas, Augusto Caldeirinha, Joaquim António Canhilo, Vital José, Alfredo Bronze, Francisco José, Chagas e Manuel Clemente, os quais foram unânimes em considerar perniciosa para a organização sindical a política de partidos, sendo por fim aprovada a tese por unanimidade.

Em seguida foi apresentado o parecer da comissão revisora das contas da Federação, que foi aprovado, e, em seguida, encerrou-se a sessão, eram 23 e meia horas.

6.ª Sessão

Preside a esta sessão, a última do Congresso, Vital José, secretariado por Julio do Carmo Valente e Manuel Joaquim Cordeiro.

Na ordem dos trabalhos é lida a tese "Os foros, as ceras de contrato e o povo", de que é relator António Tomás, que justifica a mesma numa longa série de considerações com inúmeros factos observados diariamente com muitos dos que são ou aspiram a ser proprietários.

F. J. Chagas entende que a questão dos foros tem muita importância para os rurais, pois se tem verificado que os foreiros abandonam a Associação, como sucede na sua localidade, e porque assim é a organização dos trabalhadores rurais não tem que se ocupar dela em defesa dos que passam a ser proprietários. No mesmo caso estão ceareiros e os pastores, não dum maneira tão prejudicial, mas, enfim, contrária ao interesse dos assalariados.

Falam no mesmo sentido João José da Silva e Caldeirinha.

Alfredo Bronze condena os foros e os foreiros. Se a organização defendesse os foros, lembrando-se apensos dos pequenos foreiros, ela teria que defender também os grandes e seria uma contradição grave e prejudicial defender-se o princípio da propriedade privada. A organização não pode servir para alentar e defender o egoísmo individual, visto que prejudica a causa de emancipação dos trabalhadores. No mesmo caso estão os ceareiros e ganadeiros.

Na mesma ordem de ideias falam Manuel de Almeida Carvalho, Manuel Clemente Marques, Manuel Benito, Joaquim Barradas, Custódio Lobo, José António Paiva, Joaquim Candieira e outros, sendo em seguida suspensa a sessão, que reabriu às 14 horas.

Na reabertura da sessão toma assento o delegado António Lourenço, da Associação de Safara, que não estava na localidade quando foi nomeado.

E' lido um telegrama da Associação de Aldeia Nova de São Bento, explicando o motivo por que não se faz representar.

Resolve-se retirar todo o apoio aos foreiros

Mário A. Fonseca da Associação de Elvas, na ordem dos trabalhos, apresenta uma moção com as seguintes conclusões:

"1.º Que a Federação negue todo o apoio a reclamações que lhe sejam apresentadas sobre foros;

"2.º Que a organização logo que tais reclamações lhe sejam apresentadas prevenha imediatamente as associações;

"3.º Que as mesmas associações repudiem toda e qualquer proposta no sentido de qualquer apoio a essas reclamações;

"4.º Que as associações ao receberem qualquer documento no sentido do exposto no n.º 3 se devolvam imediatamente;

"5.º Que as associações desenvolvam uma propaganda activa e eficaz junto dos ganadeiros e de todos os elementos trabalhadores;

"6.º Que esta propaganda tenha por fim arrancar esses elementos da indiferença e do critério errado em que vivem, pois só assim se poderá resolver tão magna questão;

"7.º Que as associações empreguem todos os seus esforços para cumprir estas deliberações do Congresso, pois se as cumprirem a classe rural terá dado mais um passo no caminho da emancipação operária.

António Tomás e Vital José dão largas explicações sobre o sentido em que a tese está redigida, para demonstrar que a mesma não defende a existência e os interesses de foreiros, do contrato de cera e do pavilhão, que são a origem de novos proprietários.

Sebastião Biquilhas, Pedro Alexandre, F. J. Chagas, Joaquim A. Carrilho, Matias José de Oliveira, José Joaquim Candieira seguem-se na mesma ordem de ideias, depois do que foi aprovado o seguinte requerimento:

"Requer-se prioridade de votação para o documento dos delegados da Associação de Elvas, por ser a que está mais em conformidade com o espírito da organização dos trabalhadores rurais. —Manuel Clemente Marques."

Posta à aprovação essa moção é aprovada, ficando assim prejudicada a conclusão da referida tese.

Em seguida é apresentado o seguinte parecer sobre propostas que é aprovado:

"Sobre a moção da Associação de Cabo de Vide é nosso parecer que a mesma deve ser aceite se, como explicito o delegado que a apresentou, a doutrina da mesma se aplica a questões de que a Federação se ocupe e que de algum modo se contraria às decisões dos congressos corporativos, pois só nessas condições têm os sindicatos aderentes que ser ouvidos antes de a Federação tomar tais resoluções.

Sobre a moção da Associação de Extremo é nosso parecer que o diploma sobre incultos de Ezequiel de Campos não atende ao desejo de que os referidos incultos sejam entregues aos sindicatos para serem cultivados em comum. E' uma lei burguesa para capitalistas e contrária ao desejo dos trabalhadores rurais. Quanto à abertura para atenderem à crise é já uma questão de que a organização se tem ocupado de se vai ainda ocupar o Congresso Confederal, sendo certo que grande parte dos trabalhos públicos são das Câmaras Municipais e que, neste caso, esses trabalhos devem ser reclamados em cada concelho pelos organismos de cada localidade.

Sobre a proposta da Associação de Vila Real é nosso parecer que os seus três primeiros números devem ser aprovados e que o quarto já está atendendo nas resoluções tomadas sobre a tese: "O trabalho das mulheres e dos menores na indústria".

Os números a que se refere esta última parte do parecer são os seguintes:

1.º Que o horário de oito horas seja extensivo aos trabalhadores rurais, devendo as associações agir no sentido de o mesmo ser estabelecido na indústria;

2.º Que todos os trabalhadores rurais se unam e se esforcem para fazerem terminar com os trabalhos de empreitada;

3.º Que nenhum trabalhador rural se preste a trabalhar sem que saiba o que vai ganhar".

Manuel Clemente Marques apresenta a seguinte proposta:

"Considerando que a crise de trabalho se prolonga no seio da classe rural, proponho que para atenuar a crise cada sindicato nomeie uma comissão especial encarregada de tratar a questão dos sem-trabalho junto de quem os possa e deva empregar, comunicando os mesmos à Federação os resultados obtidos para que novas deliberações se tomem afim de se evitar a continuação de tão grande mal-estar."

Esta moção, depois de sôbre o assunto se pronunciarem António Tomás, Vital José, Joaquim Godinho Barradas, Joaquim Sebastião Biquilhas e Mário Américo da Fonseca, é aprovada.

São em seguida lidas saudações da Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, da Federação do Mobiliário, dos jovens sindicais de Lisboa, da Federação Metalúrgica, S. U. Metalúrgico de Lisboa, de Manoel Inácio Luís, jovem sindicalista do Pórtico, da Federação Marítima, da Associação do Pessoal da Imprensa Nacional, dos tipógrafos de A Batalha, da Junta Norte da Federação dos Empregados do Cinema.

Felisberto Baptista, apresenta as mais efusivas saudações ao Congresso, em nome do proletariado do Pórtico, como secretário geral e delegado da U. S. O. daquela cidade.

Aprecia a crise de trabalho, que acabou de ser tratada, e diz que uma das causas que tem determinado um certo prejuízo na acção contra a crise são os actos daqueles indivíduos que têm procurado introduzir o divisionismo no seio das massas e que têm desviado os militantes e com os quais, para além da classe operária e da sua causa, é necessário não ter contemplações.

Esta saudação é recebida com aclamações entusiasticas ao proletariado português.

Manuel Clemente Marques apresenta as seguintes moções:

"Os trabalhadores rurais ao encerrarem os trabalhos do VI Congresso da sua indústria e não podendo ficar silenciosos em face dos actos praticados pelos governos da República, resolvem enviar o seu veemente protesto ao ministro do Interior contra as deportações dos operários para a Guiné e as prisões de outros por delitos sociais, que se encontram a ferros nas masmorras da República".

"Os trabalhadores rurais da região portuguesa ao encerrarem os trabalhos do VI Congresso saíram efusivamente a C. G. T. pela sua atitude marcadamente sindicalista revolucionária. Da mesma forma saída o jornal A Batalha pelas campanhas que tem levado a efeito contra todos os dogmas e prejuízos contrários aos trabalhadores e pela sua atitude sindicalista revolucionária".

"Valentim Adolfo João, do sindicato dos Mineiros de S. Domingos, saída o Congresso em nome daquela organização composto de trabalhadores que sentem e palpitam intensamente como a classe rural. Em seguida informa que o delegado que a este Congresso deveria vir representar o sindicato rural de Vila Glória faltou por ter adoecido.

José António Paiva apresenta o seguinte documento, a que o Congresso se associou aprovando-o:

"Em nome da Associação dos Rurais que aqui represento, associação dos rurais de Borba, apresento o meu protesto contra os mal intencionados que fazem parte das Assembleias de Aldeia Nova de S. Bento, Val de Várzea e Coruche.

Armando Borghi, delegado da A. I. T., faz uma carinhosa saudação ao Congresso

Vital José, presidente, comunica ao Congresso estar presente na sala Armando Borghi, delegado da Associação Internacional dos Trabalhadores, que é recebido aos vivas à A. I. T.

Armando Borghi confessa a dificuldade em fazer compreender por não conhecer o português. Apresenta as saudações fraternas ao Congresso dos trabalhadores rurais e quer manifestar que os camponeiros da Itália meridional, que sempre fôram os mais activos e aguerridos, estão de alma e coração com os rurais de Portugal, nos quais vê, pelo que já tem ouvido no Congresso, muitos pontos de afinidade com os camponeiros italiani.

"Requer-se prioridade de votação para o documento dos delegados da Associação de Elvas, por ser a que está mais em conformidade com o espírito da organização dos trabalhadores rurais. —Manuel Clemente Marques."

Posta à aprovação essa moção é aprovada, ficando assim prejudicada a conclusão da referida tese.

Na Conferência Téxtil foi aceite, em princípio, a constituição duma federação de indústria

SANTARÉM, 22.—Nas salas da Associação dos Empregados do Comércio iniciou-se a conferência dos operários da indústria

textil, estando representados os seguintes organismos: sindicatos do Pórtico, Covilhã, Gouveia e Lisboa, respectivamente, pelos camaradas Santos Júnior, Alves de Sá, Miguel Moreira, Lopes Jorge, José Respeito Mota e Henrique Marques, e pela C. G. T. Carlos Coelho.

E se não fôr a ação cobarde e traíçoeira dos políticos aquela tentativa de revolução saíra vitoriosa e seria o feliz inicio da libertação dos escravos das cidades e das terras.

A ação dos políticos comunistas, guiados por Moscova, assim como a dos social-democratas, não foi revolucionária, reacionária é que ela foi. E o resultado foi a vitória fascista, vitória que trouxe a destruição das sedes dos organismos sindicais, das Casas do Povo, Câmaras do Trabalho, das suas bibliotecas e jornais, a morte de inúmeros militantes, a prisão de muitos outros e se mais não houve foi porque centenas deles mais procuraram outros países a guarda que não encontraram no seu.

Mas foram exactamente os camponeiros que mais sofreram. A burguesia castiga sempre os actos de revolta do proletariado das cidades, mas, em certo modo, supõe-as. Quando, porém, se trata de revoltas camponesas esse castigo assume caracteres de violência inaudita.

Santos Júnior, dos textéis do Pórtico, da comissão organizadora, diz que tendo a Secção de Federação, C. G. T. nomeado uma comissão, para elaborar os estatutos para a criação da Federação da Indústria Textil, em nome da mesma apresentar o resultado dos trabalhos a que tinha chegado, esperando que os camaradas conferencistas, apreciassem o mesmo com toda a sua boa vontade, a fim de que a constituição da federação fosse um facto.

Santos Júnior, dos textéis do Pórtico, diz que a comissão organizadora apresentou a seguinte proposta:

"Propomos que seja aceite em princípio a constituição da Federação Textil, e depois dum número relativo de sindicatos organizados, se dê realidade a tal organização.

Santos Júnior diz que em face da atitude tomada pelo Sindicato da Covilhã, aceitando a constituição da Federação, que quanto a si não é muito clara, declara nada mais dizer sobre o caso esperando o resultado da votação que vai incidir sobre o resultado da votação que vai incidir sobre a proposta apresentada pelo camarada Lopes Jorge.

Posta à votação, foi a proposta rejeitada pelos sindicatos de Lisboa, Pórtico e Gouveia, sendo por este motivo aprovada a constituição da Federação da Indústria Textil, aprovando o seu artigo 1.º

O art. 1.º foi aprovado; o art. 9.º foi alterado como segue: "As decisões só serão válidas, quando esteja presente a maioria dos organismos".

Art. 10.º aprovado.

Do Capítulo III foram aprovados os artigos 5.º e 6.º. O artigo 7.º aumentado com um número assim redigido: "Os delegados ao Conselho Federal corresponder-se-hão com os organismos que representam, informando-os das resoluções tomadas pela Federação".

O art. 8.º foi aprovado; o art. 9.º foi alterado como segue: "As decisões só serão válidas, quando esteja presente a maioria dos organismos".

Art. 13.º e 14.º foram aprovados.

Do Capítulo IV foram aprovados os artigos 11.º e 12.º e seus números 1.º e 2.º sendo este acrescentado com mais os seguintes: "3.º organizar estatísticas de produção, entre os organismos existentes, da Indústria Textil, e depois dum número relativo de sindicatos organizados, se dê realidade a tal organização".

Santos Júnior diz que em face da atitude tomada pelo Sindicato da Covilhã, aceitando a constituição da Federação, que quanto a si não é muito clara, declara nada mais dizer sobre o caso esperando o resultado da votação que vai incidir sobre o resultado da votação que vai incidir sobre a proposta apresentada pelo camarada Lopes Jorge.

Posta à votação, foi a proposta rejeitada pelos sindicatos de Lisboa, Pórtico e Gouveia, sendo por este motivo aprovada a constituição da Federação da Indústria Textil, aprovando o seu artigo 1.º

O art. 12.º ficou redigido como estava, passando a ser o n.º 5.º, ficando o seu parágrafo único assim redigido: "A comissão administrativa, reunir-se-há ordinariamente uma vez por semana, e extraordinariamente sempre que o julgue conveniente".

Art. 13.º e 14.º foram aprovados.

Do Capítulo V foram aprovados os artigos 15.º e 16.º, assim redigidos: "Ao secretário adjunto: Redigir as actas, e os extractos das sessões da comissão administrativa, e substituir o secretário geral na sua falta. Ao vogal: substituir qualquer membro da comissão administrativa na sua falta".

Os restantes artigos foram aprovados tal qual estavam.

Nesta altura foi suspensa a sessão para irem os delegados saudar os Congressos Gráfico e Rural.

Henrique Marques faz a leitura dos mesmos, finda a qual todos os delegados são de opinião que os mesmos sejam discutidos na especialidade.

Foi aprovado o título: "Federação dos Operários da Indústria Téxtil em Portugal".

Passa-se à leitura do capítulo I, que é aprovado com a alteração do artigo 2.º que ficou com a seguinte redacção: "Desenvolver fora de tópico a escola política ou doutrina religiosa a capacidade intelectual do operariado".

O capítulo II foi totalmente aprovado.

Do Capítulo III foram aprovados os artigos 5.º e 6.º. O artigo 7.º aumentado com um número assim redigido: "Os delegados ao Conselho Federal corresponder-se-hão com os organismos que representam, informando-os das resoluções tomadas pela Federação".

Passa-se à leitura do capítulo IV, que é aprovado com a alteração do artigo 1.º que ficou com a seguinte redacção: "3.º organizar estatísticas de produção, entre os organismos existentes, da Indústria Textil, e depois dum número relativo de sindicatos organizados, se dê realidade a tal organização".

Santos Júnior diz que em face da atitude tomada pelo Sindicato da Covilhã, aceitando a constituição da Federação, que quanto a si não é muito clara, declara nada mais